

**LIBERDADE SEXUAL FEMININA
EM VALENTINA DE GUIDO CREPAX**

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

Talita Galvão dos Santos (UEMS)

tali_galvão@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo trata da questão da liberdade sexual feminina em *Valentina*, uma personagem dos *fumetti*, quadrinhos italianos, de Guido Crepax (1933-2003). Dessa forma o estudo tem como objetivo geral refletir como a personagem vive sua liberdade sexual feminina dentro da *graphic novel* “*Valentina: Biografia de uma Personagem*”, uma coletânea de 2014 que é composta por quatro histórias, que são: *Intrépida Valentina*, *Intrépida Valentina de Papel*, *A Curva de Lesmo* e *O Bebê de Valentina*. Sendo assim, centram-se os objetivos específicos em: analisar os tabus da sexualidade feminina; discutir como a personagem *Valentina* quebra o paradigma de que se a mulher for mãe, a mesma não pode sentir prazer; analisar como a personagem *Valentina* representa a figura da mulher contemporânea. Utilizou-se como referencial teórico os pesquisadores, para falar de sexualidade e feminismo, Schieber-Jota (2008), Pinto (2010) e Abdo. No que se refere à parte da pesquisa direcionada para as histórias em quadrinhos, utilizou-se de Goida e Kleinert (2011).

Palavras-chave: *Valentina*. Liberdade sexual feminina. *Fumetti*.

1. Introdução

O presente estudo surge como uma sequência de outros dois trabalhos, intitulados “O Erotismo nos Quadrinhos Italianos: Uma Análise Sobre a Personagem *Valentina* de Guido Crepax”¹⁰⁹ e “O Discurso Erótico do Corpo Feminino nos Quadrinhos Italianos: Uma Análise Sobre a Personagem *Valentina*, de Guido Crepax”¹¹⁰. Em suma, enquanto nesses dois trabalhos anteriores se discutiu sobre como a questão do erotismo está presente nas histórias em quadrinhos europeias, principalmente nos quadrinhos italianos, e como através de uma linguagem corporal de Va-

¹⁰⁹ Artigo publicado em coautoria com Nataniel dos Santos Gomes nos *Cadernos do CNLF*, vol. XVII, nº 01 em 2013.

¹¹⁰ Artigo publicado em coautoria com Nataniel dos Santos Gomes nos *Cadernos do IV Encontro em Análise do Discurso* em 2013.

lentina consegue persuadir aqueles que estão envolvidos em suas histórias, neste artigo, analisaremos a questão da liberdade sexual feminina em Valentina, mas especificamente na obra intitulada *Valentina: Biografia de uma Personagem*, de Guido Crepax. Para tanto, o trabalho se dividiu em três tópicos, sendo o primeiro um breve histórico sobre quem é Valentina, o segundo trata da questão do feminismo e da liberdade sexual feminina, e por fim, o terceiro analisa a liberdade sexual de Valentina.

2. *Valentina*

Valentina foi criada pelo italiano Guido Crepax. Ela se caracteriza como uma forte personagem presente no cenário dos quadrinhos eróticos europeus. Os traços foram inspirados na atriz Louise Brooks. O mundo de Valentina pode ser definido como algo consistente e reconhecível, no sentido de ser um mundo real, porém é livre e informal como a própria Valentina. Ou seja, o erótico acontece por meio do sonho. Em outras palavras, o real e o sonho ficam lado a lado na narrativa, acontecem de modo livre e acabam se encontrando na vida de Valentina. O quadrinho mescla com elementos da ficção científica, acontecimentos atuais e sentimentalismo, e o erotismo aparece como uma marca forte, revelando assim uma personagem que vive suas próprias aventuras sem medo algum. (ARANTES; GOMES, 2013, p. 472)

Sobre sua história de vida, ela é uma fotógrafa que nasceu em 1942. No que diz respeito a sua personalidade, a mesma não se coloca como uma vítima e nem se torna um objeto sexual maleável para os homens. É Valentina que escolhe se vai fazer sexo em suas narrativas. O fator de sedução está ligado diretamente com ela, ou seja, é ela quem seduz as outras personagens e não o contrário. Uma curiosidade a seu respeito é que a mesma é uma das poucas, senão a única personagem a envelhecer nas histórias em quadrinhos. A personagem consegue transcender o universo das histórias em quadrinhos, recebendo uma adaptação cinematográfica chamada “Baba Yaga”, do diretor italiano Conrado Farina, assim como também já serviu de inspiração para a revista *Playboy*.

Torna-se importante lembrar que Valentina surgiu na Europa em um período de decadência e ascensão como explica Goida e Kleinert. Em suma, esse período está relacionado com a censura dos *comics books* e com o surgimento, na década de 1960, dos quadrinhos *undergrounds*, que abriram portas para as publicações mais adultas. Goida e Keinert (2011, p. 11) também nos dizem que

em 1962, Jean-Claude Forest começou a desenhar Barbarella, uma história de ficção científica, com uma heroína sexy, dedicada exclusivamente ao público adulto. Vieram, na onda, Valentina, de Guido Crepax, e Paulette, de Pichard/Wolinski, contribuindo para a erotização completa dos quadrinhos.

3. A questão do feminismo e a mulher dentro da sociedade

Neste tópico, objetiva-se explicar a história e os processos do feminismo, abordando sobre suas características particulares que devem ser tomadas em consideração. Além disso, é importante expor o cenário histórico e social que permitiu o surgimento deste movimento.

Foi, primeiramente, na França e nos Países Baixos, em 1872, que as palavras “feminismo” e “feminista” apareceram. Segundo Ferreira (1986, p. 768), feminismo significa: "movimento daqueles que preconizam a ampliação legal dos direitos cívicos e políticos da mulher, ou equiparação dos seus direitos aos do homem". Portanto, entende-se que feminismo é um conjunto de conceitos que tem como objetivo alcançar direitos iguais e empoderamento feminino.

Para melhor entender os processos do movimento, estudiosos dividem a história do feminismo em três momentos:

No primeiro momento, lutava-se por direitos jurídicos, como a questão de direitos contratuais e de propriedade, era-se contra os casamentos arranjados e à propriedade de mulheres e filhos pelos seus maridos, mas no final do século XIX, focou-se a luta pela conquista do direito ao voto.

Já o segundo momento era a fase na qual se articulavam ideias associadas à libertação, pois as feministas viam as desigualdades culturais e políticas das mulheres como questões intimamente ligadas. Foi nessa fase que aconteceram protestos feministas como a famosa queima de sutiãs.

O terceiro momento, iniciado em 1990, pode ser considerado uma continuação e reação às falhas do momento anterior, por isso objetivava evitar definições essencialistas da mulher. Dentre as questões mais importantes defendidas pelas mulheres dessa fase estão as discussões relativas à questão cultural, social e política da cor, principalmente a participação da mulher negra na sociedade, assim como o debate do feminismo da diferença, cuja discussão se centrou nas diferenças entre os sexos.

Portanto, entende-se como movimentos feministas, movimentos políticos, intelectuais e teóricos cuja meta é alcançar igualdade de direi-

tos entre homens e mulheres, garantindo a participação feminina na sociedade de modo equivalente à dos homens. Contudo, a luta do feminismo não acaba com a equiparação dos direitos entre os gêneros, pois se trata de uma luta pela modificação da concepção de que existe uma diferença entre os sexos no que diz respeito à importância de um sobre o outro.

Em suma, é importante dizer que o feminismo não se opõe às normas hegemônicas de atuação dos homens na sociedade. Entretanto, por desinformação acerca dos objetivos do movimento, este sofre diversas críticas, pois muitos acreditam que ele prega o ódio contra os homens ou tenta vê-los como inferiores. Além disso, o feminismo também não pretende destruir os papéis assumidos tradicionalmente pelos homens e mulheres, mas pôr fim à dominação masculina e à estrutura patriarcal para garantir a igualdade de direitos.

3.1. Liberdade sexual feminina

Como vimos no tópico anterior, foi necessário se fazer uma reflexão sobre a sociedade, para então escrever sobre o sujeito que nela está inserido. Nesse sentido, como explica Schieber-Jota (2008, p. 06) “as questões relativas à sexualidade feminina se articulam de diferentes maneiras em cada momento histórico. Os sofrimentos e seus modos de expressão vão ganhando contornos específicos em cada cultura”, logo, é preciso se atentar que em uma sociedade patriarcal a mulher ainda fica em um segundo plano, assim como os seus desejos também ficam fora de cogitação para serem discutidos. Ainda hoje, mesmo com o feminismo, quando uma mulher demonstra de forma aberta suas vontades sexuais, a mesma se torna um alvo de críticas. Os dogmas morais ainda são amarras sexuais da mulher. Com isso, quando se fala em liberdade sexual feminina, trata-se da “liberdade sexual experimentada atualmente pela mulher” e isso “tem relação com o direito adquirido por elas de disporem de si mesmas, de seus corpos, enfim, de sua existência como um todo”. (*Idem, ibidem*)

Isso nos leva a refletir que a desigualdade entre os sexos deixou de certa forma, o desejo sexual da mulher inibido. A mulher sempre tende a relacionar a vontade do prazer com outras coisas, como explicam as pesquisadoras Teixeira e Moreira (2011, p. 03) que “a sexualidade da mulher é tão castrada que ela precisa da desculpa do amor para sentir prazer com o outro. E esta análise se soma-se a fatores religiosos, culturais e morais”. Isso demonstra que quando se fala de liberdade sexual da

mulher está se falando de algo que lhe dá total direito sobre o seu corpo e suas escolhas, ou seja, é de forma livre que a mulher pode expressar suas vontades, sem que exista uma pressão de algum lado. Mesmo, com discussões acerca do tema, a mulher ainda sofre repressão sexual.

Dessa forma, Abdo (2010, p. 205) nos diz que “entre os motivos que levam a mulher a desejar sexo, citam-se proximidade emocional com o(a) parceiro(a), sentir-se mais atraente ou mais atraída, busca de intimidade, satisfazer sua própria percepção de desejo/necessidade sexual, entre outras”, assim como discutido no parágrafo anterior, o desejo que a mulher sente não se pode ser deixado para um segundo plano ou imposto para ela algo relacionado somente com a questão de reprodução.

4. A liberdade sexual de Valentina

Nas cinco narrativas apresentadas na obra escolhida como *corpus*, Valentina não se deixa inibir por suas vontades sexuais. Em *A Intrépida Valentina*, apresenta o crescimento da personagem. Uma das coisas que Guido sempre deixou foi a clara a noção de liberdade que Valentina tem sobre seu corpo e vida, como no trecho abaixo:

Valentina, você me ama? (p. 40, q. 02)¹¹¹

Sim. (p. 40, q. 02)

Mas você se casaria comigo? (p. 40, q. 06)

Não! (p. 40, q. 06)

E por que não? (p. 40, q. 07)

Você não entendeu...Não é que não quero casar com você... Não quero me casar! (p. 40, q. 07 e 08)

Durante as sequências, Valentina se relaciona com diversos parceiros, e isso não tira o direito, por assim dizer, da personagem em fazer suas escolhas. Na página 93 há uma sequência cinematográfica que segue sem palavras entre Valentina e Phil Rembrandt, seu parceiro nesse episódio. O jogo de quadros apresenta troca de olhares e toques, e finaliza com Valentina tendo o prazer. A sua única fala, antes dessa sequência, é a seguinte: “Mas que pressa! E depois, que informalidade é essa de me tratar

¹¹¹ P = número de página. Q = quadro da fala. De agora em diante no artigo isso norteará o leitor de onde tiramos as falas.

assim?” (p. 93, q. 02), aqui se observa que Valentina satisfaz suas vontades enquanto mulher de escolher quem serão os seus parceiros.

Em *O Bebê de Valentina*, há quadros que demonstram Valentina gemendo de prazer, como por exemplo: “... Não... Hnnn... Assim... Hnnn... Não... Contatos com... Hnn... Hhh... Lehh (...)” (p. 106, q. 05 e 06). Esse episódio também trata do temor de uma mulher grávida, o temor de ser traída ou abandonada pelo seu parceiro, devido ao fato de estar gorda, demonstrando que Guido, dessa forma, levanta a questão da pressão da estética corporal que as mulheres sofrem.

Essas breves demonstrações apresentam Valentina como uma mulher contemporânea, que mesmo em uma sociedade patriarcal tenta viver suas vontades.

5. Conclusão

Dessa forma, entende-se que para que haja discussões acerca das questões relacionadas à sexualidade feminina, é preciso atentar-se para as diferenças em cada momento histórico, pois Valentina surge na Europa em um período relacionado à censura dos *comics books* e com o surgimento das histórias em quadrinhos mais adultas, discutindo temas tabus e quebrando paradigmas, pois a personagem não se coloca como uma vítima e nem se torna um objeto sexual, muito pelo contrário, é ela quem escolhe se vai fazer sexo durante as histórias, representando a figura da mulher contemporânea. Entretanto, em uma sociedade patriarcal a mulher ainda fica em um segundo plano, assim como os seus desejos. Ainda que hoje em dia se discuta muito sobre o feminismo, quando uma mulher demonstra de forma aberta suas vontades sexuais, a mesma se torna um alvo de críticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, Carmita. Desejo sexual hipotativo: novos conceitos. In: _____. *Sexualidade humana e seus transtornos*. 3. ed. São Paulo: Leitura Médica, 2010, p. 205-2017.

ARANTES, Taís Turaça; GOMES, Nataniel dos Santos. O erotismo nos quadrinhos italianos: uma análise sobre a personagem Valentina de Guido Crepax. In: XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2013, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFIL,

2013, vol. XVII, p. 517-533. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/01/CadCNLF_XVII_01.pdf>.

Acesso em: 22-04-2015

_____; _____. O discurso erótico do corpo feminino nos quadrinhos italianos: uma análise sobre a personagem Valentina, de Guido Crepax. In: IV Encontro em Análise do Discurso, 2013, Araraquara. Encontro em Análise do Discurso: fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas. *Anais do Evento*. Araraquara: UNESP, 2013, vol. 1, p. 467-475. Disponível em:

<<http://www.fclar.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/StrictoSensu/LinguisticaeLinguaPortuguesa/anais-iv-ead.pdf>>. Acesso em: 22-04-2015.

CREPAX, Guido. *Valentina: biografia de uma personagem*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GOIDA; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos quadrinhos*. São Paulo: L&PM, 2011.

GURGEL, T. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, vol. 09, p. 01-09, 2010, Florianópolis. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf>. Acesso em: 22-04-2015.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política* (UFPR. Impresso), vol. 18, p. 15-23, 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em: 22-04-2015.

SCHIEBER-JOTA, Fernanda. O meu prazer é meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade. *Revista Intercâmbio*, vol. 2, p. 3, 2008. Disponível em:

<<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/115/119.pdf>>. Acesso em: 22-04-2015.

TEIXEIRA, Iotti Ilidiana; MOREIRA, Simone Alves Cotrin. A sexualidade da mulher contemporânea: um estudo bibliográfico. In: *Revista Faef*, 2011, p. 01-07. Disponível em:

<http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/KjIRirkWgfPWvP1_2013-5-13-16-1-5.pdf>. Acesso em: 22-04-2015.